

Nobel da Literatura atribuído a polaca Olga Tokarczuk e austríaco Peter Handke

Os prémios Nobel da Literatura de 2018 e 2019 foram atribuídos aos escritores Olga Tokarczuk e Peter Handke, numa decisão inédita da Academia Sueca. O anúncio foi feito ao final de Quinta-feira, em Estocolmo, na Suécia.

No anúncio oficial da atribuição do prémio, a Academia sueca explicou a escolha de Olga Tokarczuk pela sua “imaginação narrativa, que com uma paixão enciclopédica representa o cruzamento de fronteiras como forma de vida”. Já a atribuição a Peter Handke foi justificada pelo seu “trabalho influente de engenharia literária” e pela sua capacidade de “explorar a periferia e a especificidade da experiência humana”.

Esta é a primeira vez que o mais alto galardão literário é entregue a dois autores ao mesmo tempo. Esta decisão, anunciada no início deste ano, surgiu na sequência de um escândalo sexual que abalou a Academia com 233 anos de existência em finais de 2017 e que, nas palavras do Presidente da Fundação Nobel, Carl-Henrik Heldin, fez com que o prémio perdesse credibilidade. São os membros da Academia Sueca que são responsáveis por escolher anualmente o vencedor do Nobel da Literatura.

Isto levou à suspensão temporária do galardão e à decisão de adiar o anúncio do galardoado de 2018. O Nobel da Literatura foi atribuído pela última vez em 2017, ao escritor britânico Kazuo Ishiguro, pelos seus “romances de grande força emocional” e a sua ca-



pacidade de “revelar os abismos por trás da ilusória sensação de conexão com o mundo”.

Tudo começou em Novembro de 2017, quando o diário sueco Dagens Nyheter publicou uma reportagem com a denúncia de 18 mulheres que teriam sido abusadas sexualmente pelo dramaturgo francês Jean-Claude Arnault, ligado à Academia através do seu clube literário e casado com um dos seus membros, a escritora Katarina Frostenson. A Academia Sueca cortou com todas as ligações a Arnault, mas o escândalo levou à saída de sete dos seus membros, incluindo de Frostenson.

Isso fez com que não fosse possível haver quórum relativamente ao vencedor do Nobel, obrigando a que a decisão fosse adiada para 2019. Numa entrevista à rádio sueca Sveriges, o director-executivo da Fundação Nobel chegou até a avançar com a hipótese de que o prémio só vir a ser restituído em 2020. Segundo defendeu na altura Lars Heikensten, o Nobel da Literatura só poderia voltar a ser atribuído quando a Academia recuperasse “a confiança do público”, seriamente danificada depois do escândalo em torno de Arnault, actualmente a cumprir pena de prisão por violação. O dramaturgo está

ainda a ser acusado de divulgar nomes de laureados.

Tal não veio a acontecer — o anúncio acabou por ser marcado para esta quinta-feira, 10 de Outubro —, e desde então foram feitas algumas mudanças que pretendem tornar a Academia Sueca mais transparente. Além da entrada de novos membros, a partir de agora, é possível a quem pertence à Academia Sueca sair quando bem entender. Isso não podia ser feito anteriormente, já que os lugares eram vitalícios, uma obrigatoriedade que levava a que muitos membros deixassem simplesmente de aparecer.

Onze pessoas detidas no México após arrastarem autarca pelas ruas



A polícia teve de intervir para salvar da violência popular o mayor — cargo equivalente ao de Presidente da Câmara em Portugal — de uma vila mexicana, no estado de Chiapas. Maioritariamente constituída por agricultores, a turba indignada amarrou Jorge Luis Escandón Hernández a uma carrinha pick-up, arrastando depois o autarca pelas ruas de Las Margaritas.

Este foi o segundo ataque dos agricultores que exigem que Hernández cumpra a promessa de reparar uma estrada do “ejido” — um pedaço de terra cultivado em comunidade, sob um sistema de

apoios do Estado. O primeiro protesto deu-se em Abril, quando os populares despejaram lixo no escritório de Hernández, que não se encontrava no local. Desta vez, segundo informações veiculadas pela imprensa local, foram necessários dezenas de polícias municipais para travar o incidente, que feriu várias pessoas, após confrontos com a polícia. Alguns desses confrontos ficaram registados em vídeos que têm sido partilhados nas redes sociais. O Presidente da Câmara de Las Margaritas, Escandón Hernández, já disse que vai apresentar queixa por sequestro e tentativa de homicídio.

Biden defende pela primeira vez destituição de Trump

Pela primeira vez, o ex-vice-presidente dos EUA Joe Biden defendeu a destituição do Presidente norte-americano, alegando que Donald Trump cometeu crimes de obstrução à justiça.

Num comício em Rochester, no estado norte-americano de New Hampshire, Joe Biden afirmou na Quarta-feira que o Presidente dos Estados Unidos já cometeu “actos impensáveis” suficientes que justificam o processo de impeachment.

“Com as suas palavras e as suas acções, o Presidente Trump indiciou-se a si mesmo por obstrução à justiça e recusando-se a cooperar com a investigação”, declarou o antigo Vice-presidente dos EUA citado pela CNN.

O ex-governante e favorito para a nomeação democrata para a Casa Branca lamentou ainda que Trump tenha violado o juramento que fez durante a sua tomada de posse. “Como todos sabemos, é necessário respeitar a nossa Constituição, a nossa democracia e a nossa integridade. E como isso não tem acontecido Trump merece ser destituído”, acrescentou.

Não demorou muito para o Presidente norte-americano reagir no seu

canal de comunicação preferido, o Twitter, e criticar as declarações de Joe Biden, que está a liderar uma “campanha fracassada”. “É tão patético ver o sonolento Joe Biden, que com seu filho Hunter, e em detrimento do contribuinte americano, roubou pelo menos dois países por milhões de dólares, pedindo a minha destituição — e eu não fiz nada errado”, escreveu na rede social.

Depois de a líder democrata no Congresso, Nancy Pelosi, ter criticado a decisão da Casa Branca de não cooperar na investigação ao Presidente norte-americano, com vista “a camuflar a traição da democracia dos EUA”, Donald Trump esclareceu que terá disponibilidade para participar na investigação se forem garantidos os seus direitos e “se as regras forem justas”.

Na Terça-feira, a Casa Branca explicou, numa carta enviada pelo advogado da administração Trump à líder democrata no Congresso, que se recusa a participar no inquérito que está a decorrer com vista à sua destituição, uma vez que “não tem fundamento constitucional legítimo” nem “aparente imparcialidade”.